

A AÇÃO DO ESPÍRITO SANTO NA ASSEMBLÉIA DE JERUSALÉM (AT 15)

Alberto Casalegno SJ

RESUMO: No Concílio de Jerusalém, o Espírito atua em duas formas: intervém de forma imprevista e sem mediações humanas, manifestando a vontade de Deus; age por meio dos responsáveis pela comunidade, ajudando-os a tomar uma decisão a respeito da imposição da circuncisão aos étnico-cristãos. Trata-se de modalidades diferentes que devem ser integradas; nenhuma pode ser absolutizada. Desta forma, Lucas mostra que a dimensão pneumática da Igreja não está em contraste com sua dimensão institucional. O evangelista destaca também os critérios que permitem discernir a ação do Espírito Santo, por meio do qual é o próprio Jesus ressuscitado que opera. São os seguintes: o zelo pela unidade da Igreja, a obediência a determinadas normas, o compromisso na pregação do evangelho; não se dá destaque ao dom carismático das línguas. Essas orientações, importantes para a comunidade primitiva, são válidas também hoje.

PALAVRAS-CHAVE: Espírito, Igreja, circuncisão, discernimento, missão.

ABSTRACT: In the Council of Jerusalem, the Spirit is at work in two ways: It intervenes in an unexpected way and without human mediations, manifesting God's will; it acts through the community leaders, helping them to make a decision about the imposition of circumcision to the ethnic-Christians. They are different ways that should be integrated; not absolutized. In this way, Luke shows that the Church's pneumatological dimension is not in contrast to its institutional dimension. The evangelist also underlines the criteria for discerning the action of the Holy Spirit, through which the risen Jesus is working. They are the following points: the zeal for Church unity, obedience to certain rules, the commitment to preach the gospel; there is no special emphasis on the charismatic gift of speaking in tongues. Important for the first communities, these orientations are still valid today.

KEY-WORDS: Spirit, Church, circumcision, discernment, mission.

O Concílio de Jerusalém representa um momento importante na história da missão da Igreja primitiva¹. Na assembléia, discute-se se as práticas religiosas judaicas devem ser consideradas obrigatórias também para os cristãos que vêm do paganismo, em particular a circuncisão, que é sinal de pertença ao povo eleito e símbolo de submissão a Deus. Trata-se de uma questão básica para a vida da Igreja do I século, cuja solução permite determinar o que é necessário e suficiente para ser cristão, distinguindo entre hábitos culturais e religiosos que caracterizam um determinado povo e a fé em Jesus Cristo que sozinha justifica. Em consequência das decisões tomadas no Concílio, que reconhecem o valor limitado das prescrições da Lei de Moisés, a missão pode difundir-se pelo mundo afora (1,8).

O relato informa-nos que a questão é levantada em Antioquia por um grupo de judeu-cristãos vindo da Judéia, provavelmente os membros mais conservadores da comunidade de Tiago, que consideravam leviana ou devassa a vida cristã sem as obrigações mosaicas. Levando ao extremo suas posições, declaram que a circuncisão é necessária para a salvação: “não podereis ser salvos” (v. 1), em contradição com a praxe da comunidade de Antioquia, evangelizada pelos helenistas de Chipre e de Cirene, na qual os pagãos eram aceitos na Igreja sem a imposição das práticas judaicas (11,20). Também Barnabé e Paulo, na primeira viagem missionária, não impuseram a circuncisão aos que se converteram em Chipre e nas regiões da Pisídia, da Panfília e da Licaônia (13,1-14,28)². A tensão, determinada na Igreja pelas modalidades diferentes no desenvolvimento da missão, precisa de uma solução urgente, sob pena de acontecer um perigoso desnorreamento dos cristãos. Por isso reúnem-se os apóstolos e os anciãos de Jerusalém (15,2,4) com Paulo e Barnabé e os representantes da Igreja de Antioquia (v. 2).

O evento, no qual houve uma “controvérsia não pequena” (v. 2) e uma “acirrada discussão” (v. 7a), é apresentado por Lucas de forma esquemática³. Pedro destaca que para a aceitação, na Igreja, dos pagãos convertidos não é preciso a imposição das práticas da Lei judaica, mas somente acreditar em Jesus que, com sua graça, transforma os corações (v. 7b-11). Tiago, por meio da Escritura, sustenta a posição de Pedro, acrescentando a necessida-

¹ Trata-se de um verdadeiro Concílio, embora estejam presentes somente os representantes de duas Igrejas: a de Jerusalém e a de Antioquia, entre as quais há uma intensa confrontação.

² Os motivos que levam a pensar que Barnabé e Paulo não impuseram a circuncisão são os seguintes: João Marcos, expoente da Igreja de Jerusalém, mais conservadora, deixa Barnabé e Paulo em Perge (13,13), provavelmente não concordando com as modalidades da missão. Em Antioquia da Pisídia, Paulo destaca que os judeus não puderam “obter a justificação pela Lei de Moisés”, mas que por Jesus “é justificado todo aquele que crê” (13,38-39), frisando que só a fé justifica. Na volta a Antioquia, Barnabé e Paulo reconhecem que Deus abriu “aos gentios a porta da fé”, aludindo ao fato de que foram aceitos na Igreja sem a circuncisão (14,27).

³ O episódio ocorreu no ano 48-49 d.C. É narrado também por Paulo em Gl 2,1-11; o texto apresenta algumas diferenças com respeito à narração dos Atos.

de de impor algumas cláusulas aos cristãos que vêm do paganismo para salvaguardar a correta vivência entre eles e os étnico-cristãos (v. 13-21)⁴. Entre os dois interlocutores, tomam a palavra Paulo e Barnabé que referem os prodígios feitos por Deus por ocasião da sua atividade apostólica, sem exigir a circuncisão (v. 12). A carta, redigida pelos “apóstolos, os anciãos e toda a Igreja” e enviada a Antioquia, declara que a circuncisão não é necessária para a identidade cristã (v. 22-29).

No relato, menciona-se duas vezes o Espírito Santo. Pedro, narrando sua atividade com os incircuncisos, destaca que “Deus deu testemunho” em favor dos pagãos, “concedendo-lhes o Espírito Santo” (v. 8). A carta dirigida às Igrejas de Antioquia, da Síria e da Cilícia, começa com uma frase solene referentes às autoridades de Jerusalém: “Pareceu bem ao Espírito Santo e a nós” (v. 28)⁵. As referências ao Espírito são poucas; Lucas, porém, faz compreender que ele atua com poder no Concílio e habilita os membros congregados a tomar uma decisão de grande valor histórico.

1. A atuação do Espírito para com os incircuncisos

Pedro é o primeiro a ser convidado a falar na assembléia; isso ocorre provavelmente não por ser ele o chefe da Igreja, mas por causa dos eventos particulares aos quais presenciou. Na sua intervenção, declara: Deus, que conhece os corações, deu testemunho em favor dos pagãos, “concedendo-lhes o Espírito, assim como a nós” (15,8). Com estas palavras, refere-se ao que aconteceu com Cornélio e sua família, que ele batizou aceitando-os na comunidade cristã. A expressão sintetiza, assim, uma experiência articulada que é preciso lembrar.

Embora faminto, Pedro recusa-se a comer os quadrúpedes e répteis da terra e aves do céu, isto é, os animais puros e impuros que lhe aparecem na visão da toalha (10,13-14). A voz do céu lhe diz: “Ao que Deus purificou não chames tu de profano”. O pronome neutro (*há*) é ambíguo (v. 15). O Apóstolo pensa espontaneamente nos animais vistos no êxtase; não entende que a voz se refere aos tementes a Deus, com os quais o Apóstolo está para se encontrar. É o Espírito que revela a Pedro hesitante o significado da visão, ordenando-lhe que vá rapidamente com os três mensageiros de Cornélio que, em Jope, batem na porta da casa onde se encontra: “desce

⁴ Duas questões são debatidas no Concílio: a aceitação dos pagãos na Igreja, sem a imposição da circuncisão (10,10.15-17) e as refeições comuns entre judeo-cristãos e étnico-cristãos (11,1).

⁵ Nos códigos D*, 257, 614, lê-se que, na assembléia, Pedro “se levantou no Espírito”; dá-se, assim, mais autoridade às suas palavras. A variante, porém, é marginal e não aceita pelas edições críticas.

e vai com eles sem hesitação, porque fui eu que os enviei” (v. 20). A frase em forma direta, com a menção explícita ao sujeito “eu”, indica a autoridade com a qual o Espírito dirige os acontecimentos. Pedro ainda não conhece a motivação pela qual os homens estão à sua procura; ignora, pois, a relação que existe entre a visão da toalha e o que está ocorrendo. Impulsionado pelas circunstâncias, hospeda na sua casa os enviados de Cornélio (v. 23), fazendo um gesto proibido pela Lei, que interditava a um judeu acolher um pagão no seu lar. Devagar compreende que a visão se refere aos seres humanos, reconhecendo, perante o centurião romano, que Deus acaba de lhe mostrar que “a nenhum homem se deve chamar de profano ou de impuro” (v. 27), porque “Deus não faz acepção de pessoas” (v. 34).

Quem é o Espírito que impulsiona Pedro a se juntar aos incircuncisos, revelando-lhe os planos de Deus (vv. 19-20)? No relato, Lucas justapõe os atores divinos que têm funções semelhantes. De fato, a ação do Espírito, mencionada no v. 20, é atribuída ao próprio Deus no v. 27; também a ordem dada a Cornélio de enviar mensageiros a procurar Pedro, apresentada no v. 20 como indicação do Espírito, é referida, no v. 5, ao “anjo do Senhor”. Isso leva a pensar que, falando de Espírito, o evangelista se refira à força de Deus no sentido popular judaico, sem apontar necessariamente para o Espírito Santo. O interesse do evangelista é, pois, destacar que o evento é dirigido por Deus.

O Espírito Santo entra em ação no final do relato, quando desce sobre “todos” os incircuncisos (v. 44), interrompendo o sermão de Pedro que reconhece Jesus “Senhor de todos” (v. 36). Sua intervenção manifesta claramente o desígnio salvífico de Deus que quer que os pagãos, junto com os judeus, façam parte do mesmo povo. Lucas considera o evento à luz do que aconteceu em Pentecostes com os judeus da diáspora reunidos em Jerusalém. O verbo “derramar” (*ekchúnesthai*, 10,45), semelhante ao verbo *ekcheîn* no relato da primeira efusão do Espírito (2,17) e a expressão “como nós” (10,47c) indicam que o autor estabelece uma relação entre os dois eventos. Também o fato de os incircuncisos falarem em línguas e engrandecerem a Deus é um sinal de que eles “receberam o Espírito Santo” (10,47b). Na comunicação feita por Pedro aos irmãos de Jerusalém (11,1-18), a correspondência entre o Pentecostes dos pagãos e o de Jerusalém é frisada ainda mais pelas palavras: “João batizou com água, mas vós sereis batizados com o Espírito Santo”, que em 1,5 se referem ao primeiro Pentecostes (11,16)⁶.

Como em Jerusalém, também em Cesaréia a efusão do Espírito é uma manifestação imprevista e totalmente livre, sem mediações humanas, impul-

⁶ Na frase, considera-se o batismo de João como profecia do batismo no Espírito que ocorre na festa de Pentecostes.

sionando a Igreja na direção do universalismo⁷. Depois da visão da toalha e da voz do céu, o dom do Espírito Santo tira todas as dúvidas de Pedro a respeito do batismo dos incircuncisos, convencendo o Apóstolo que recusar-se a aceitar os pagãos na comunidade cristã significaria impedir a Deus de agir (*kôlyesai*, 11,17), tentando ao próprio Deus (*peirázein*, 15,10). De fato, a vinda do Espírito sobre os incircuncisos demonstra sua purificação pela fé⁸. A circuncisão é, portanto, uma prática superada, porque o sinal da eleição de Deus é a fé em Jesus (10,14).

O Espírito, como realidade divina que, sem intermediários, irrompe na vida da Igreja, é realçado por Lucas não somente no relato da conversão de Cornélio. A mesma apresentação ocorre na narração da conversão do eunuco, na qual o Espírito manda Filipe se aproximar do funcionário da rainha de Etiópia e, após o batismo do mesmo, arrebatando o missionário, transportando-o a Azoto para continuar sua obra apostólica ao longo da costa da Palestina (8,29.39). O Espírito intervém diretamente também na liturgia celebrada em Antioquia durante a qual Barnabé e Saulo são escolhidos para a missão (13,1-3). O evangelista destaca ainda que o Espírito atua de modo autônomo em 16,6-10, quando Paulo toma a decisão de deixar a evangelização da Ásia Menor para começar a da Europa: impede os missionários de anunciar a Palavra na província da Ásia e na Bitínia, obrigando-os a voltar a Trôade, onde a visão do macedônio os convida a passar o estreito de Dardanelos e a evangelizar a Grécia. Lucas manifesta a consciência de que o Espírito é o primeiro responsável pela missão, também quando frisa que Barnabé e Saulo são “enviados pelo Espírito” na sua primeira viagem (13,4) e que Paulo, despedindo-se das suas comunidades, decide “no Espírito” atravessar a Macedônia e a Acaia (19,21), indo, em seguida, a Jerusalém “acorrentado pelo Espírito” (20,22-23).

Em muitos trechos dos Atos, o evangelista destaca, assim, que o Espírito atua por sua iniciativa exclusiva, intervindo nos eventos com força irresistível e mudando seu rumo, sem excluir que esses acontecimentos sejam influenciados também por causas humanas que ele, porém, não menciona.

⁷ A irrupção do Espírito repete-se quando novos membros, pertencentes a âmbitos religiosos e culturais diferentes, são agregados à comunidade primitiva. Acontece com os samaritanos (8,17), os incircuncisos (10,44) e os seguidores do Batista (19,6).

⁸ Nas frases: “Deus deu testemunho a favor deles dando-lhes (*doús*) o Espírito Santo assim como a nós” e “não fez distinção alguma entre nós e eles purificando (*katharisas*) seus corações pela fé” (15,8-9), os dois participios, ambos aoristos, têm um sentido diferente. O dom do Espírito Santo representa uma ação simultânea ao testemunho dado por Deus em favor dos incircuncisos. A purificação dos corações por meio da fé indica, ao contrário, uma ação anterior àquela do verbo principal e constitui o pressuposto do dom do Espírito Santo. De fato, nunca, em Atos, o Espírito tem a função de purificar os corações. De um ponto de vista puramente gramatical, é possível considerar a purificação pela fé e o dom do Espírito como eventos contemporâneos; o contexto, porém, favorece a interpretação proposta. Cf. G. HAYA-PRATS, *L'Esprit force de l'Église*. Sa nature e son activité d'après les Actes des Apôtres, Paris: Cerf, 1975, pp. 126-128.

2. O Espírito e o exercício da autoridade na Igreja

Ao lado dessa apresentação do Espírito, Lucas destaca sua atuação por meio dos responsáveis da Igreja. Faz isso na carta redigida no Concílio, na qual a decisão de não impor as práticas judaicas aos pagãos é introduzida pela frase: “Pareceu bem ao Espírito Santo e a nós”⁹. Tomada ao pé da letra e tirada do seu contexto, a frase poderia significar que as decisões do Espírito correspondem às deliberações da Igreja, ou melhor, que as prescrições da Igreja se identificam com os desejos do Espírito. Desta forma, no texto haveria uma equiparação automática entre Espírito e Igreja, com o grave risco de atribuir à comunidade cristã uma autoridade absoluta¹⁰. Não é este o pensamento de Lucas. A frase realça que o Espírito ajuda os líderes reunidos em assembléia a superar as dificuldades a respeito da aceitação dos pagãos na Igreja, proporcionando-lhes paulatinamente a segurança de que a não imposição da circuncisão e das práticas da Lei representa o projeto de Deus.

Com efeito, a intervenção do Espírito no episódio de Cornélio, referida por Pedro no Concílio, é o elemento básico que orienta os membros congregados a compreender o que é preciso fazer¹¹. A decisão lhes é, portanto, imposta de fora e muda as perspectivas de muitos participantes a respeito das modalidades da evangelização. Acarreta uma renovada atenção à ação do Espírito, junto com uma atitude de escuta e de oração. Os responsáveis pela assembléia podem tomar uma resolução certa só à medida que são obedientes e disponíveis às indicações do Espírito, realizando uma sinergia entre a ação divina e humana¹². Nem os Doze têm uma ligação direta com o Espírito, sendo ele sempre e exclusivamente um dom gratuito e não submetido a ninguém.

Na assembléia de Jerusalém, o Espírito complementa, pois, o trabalho das autoridades, chamadas a se defrontar com uma problemática histórica urgente¹³. Atua por meio da ação concorde da comunidade e pela boca dos guias, ajudando a comunidade a não ser elitista e a distinguir entre fé e cultura; age em nível superior, iluminando os corações e inspirando as deliberações. Só enquanto fruto das moções do Espírito, as decisões toma-

⁹ Na fórmula “o Espírito Santo e nós” (15,28), a menção do Espírito antecipa a dos representantes da comunidade. Encontra-se uma frase semelhante, porém com os termos invertidos, em 5,32, em que os Doze declaram com firmeza: “Nós somos testemunhas destas coisas, nós e o Espírito Santo”. A mudança se justifica à luz da continuação da frase que declara que o Espírito é entregue aos que se submetem a Deus. Ambas as expressões frisam que o Espírito acompanha a Igreja e se manifesta nos momentos básicos da sua vida.

¹⁰ J. ROLOFF, *Hechos de los Apóstoles*, Madrid: Cristianidad, 1984, p. 312.

¹¹ G. HAYA-PRATS, *op. cit.*, p. 177.

¹² R. PESCH, *Gli Atti degli Apostoli*, Assisi: Cittadella, 1992, p. 183.

¹³ J. FITZMYER, *Gli Atti degli Apostoli*, Brescia: Queriniana, 2003, p. 591; A. WIKENHAUSER, *Atti degli Apostoli*, Brescia: Morcelliana, 1958, p. 215.

das pela Igreja têm valor normativo e estão de acordo com as Escrituras (15,16-17)¹⁴. Cabe aos fiéis respeitá-las. As de Jerusalém são bem aceitas pela comunidade de Antioquia que se alegra “pelo consolo” que trazem e pelos horizontes novos que vislumbra, respeitando a experiência dos seus membros qualificados, sem sacrificar a verdade (v. 31).

A relação, estabelecida por Lucas, entre as decisões da comunidade e a ação do Espírito, manifesta sua visão pneumática e hierárquica da Igreja. O Concílio é a demonstração mais clara dessa perspectiva que é preparada ao longo de todo o livro dos Atos. Com efeito, várias vezes Lucas frisa que os personagens de maior destaque são cheios de Espírito Santo: Pedro (4,8), Estêvão (6,5; 7,55), Paulo (9,17; 13,9), Barnabé (11,24), a comunidade (2,4; 4,31) e os discípulos em geral (13,52)¹⁵. Não se trata somente de uma qualidade interior das pessoas, mas de um dom de Deus que habilita ao testemunho e confere uma autoridade particular. Isso explica por que Jesus escolhe os seus “na força do Espírito Santo” (1,2)¹⁶ e por que Barnabé e Paulo, desde sempre, são chamados pelo Espírito que os habilita para a missão (13,1-2)¹⁷.

O evangelista não destaca somente a presença do Espírito naqueles que são chamados a desenvolver uma tarefa particular na Igreja. No relato do primeiro Pentecostes, frisa que os Doze, recompostos com a escolha de Matias, têm uma relação específica com o Espírito Santo, embora o Espírito seja dado ao povo messiânico de Deus, aos filhos e filhas da profecia de Joel (2,17). De fato, antes da descida do Espírito, Lucas menciona a lista dos Doze, junto aos quais encontram-se, em posição secundária, Maria a mãe de Jesus e os irmãos (1,14); segue-se a recomposição do colégio com a eleição de Matias, cujo relato termina com a afirmação de que Matias foi contado entre “os onze apóstolos”, chamando a atenção para o grupo mais íntimo de Jesus (1,26). Em seguida, na narração do evento de Pentecostes, Lucas destaca que o Espírito desceu sobre “todos” que estavam reunidos

¹⁴ C.K. BARRETT, *Atti degli Apostoli*, II, Brescia: Paideia, 2005, p. 905; G. STÄHLIN, *Gli Atti degli Apostoli*, Brescia: Paideia, 1973, p. 368. J. SCHNEIDER, *Gli Atti degli Apostoli*, II, Brescia: Paideia, 1985-86, p. 246.

¹⁵ Lucas é o único autor do Novo Testamento que, também no evangelho, relaciona o verbo “encher” (*pimplenai*) com a realidade do Espírito; faz isso a respeito de João Batista (Lc 1,15), de Isabel (1,41), de Zacarias (1,67). Somente em 4,1 destaca que Jesus é “repleto do Espírito Santo”, frisando a continuidade entre ele e os futuros membros da Igreja. A respeito de Jesus, procura, porém, evitar a expressão para tirar a impressão que haja uma carência nele.

¹⁶ Alguns autores referem a expressão “no Espírito Santo” (1,2) à escolha dos apóstolos por parte de Jesus; outros às instruções que Jesus dá aos apóstolos, mencionadas no mesmo versículo. Cf. G. HAYA-PRATS, *op. cit.*, pp. 175-176.

¹⁷ Na frase: “Separai para mim Barnabé e Saulo para a obra à qual os chamei (*proskéklemai*)”, o verbo no tempo perfeito, indica que nos dois missionários a ação do Espírito, começada no passado, continua no presente. G. BETORI, “Lo Spirito e l’annuncio della parola negli Atti degli Apostoli”, *RivB* 35 (1987) 399-441 (418.426); E. RASCO, “Spirito e istituzione nell’opera lucana”, *RivB* 30 (1982) 301-322.

no mesmo lugar (2,1), referindo-se aos apóstolos e a seus companheiros mencionados em 1,14; logo após a efusão do Espírito Santo, focaliza sua atenção sobre Pedro e os Onze que dirigem sua pregação ao povo de Jerusalém (2,14), dando a impressão de que os Doze sejam os beneficiários particulares do dom que vem do alto¹⁸.

Também no discurso de despedida de Paulo em Mileto, o evangelista realça sua visão hierárquica e pneumática da Igreja, notando que os anciãos foram constituídos guardiães do rebanho pelo próprio “Espírito Santo”, com a função de apascentar a Igreja de Deus (20,28). Com essa afirmação, Lucas realça não somente que o Espírito esteve presente no momento da sua eleição, mas também que acompanha os responsáveis da comunidade no seu ministério, no difícil momento da proliferação das “doutrinas perversas” que extraviam a grei (20,29-30). No texto, o dom do Espírito está relacionado com o anúncio da Palavra e com o trabalho de formação dos fiéis que os anciãos devem desempenhar, seguindo o exemplo de Paulo que foi modelo de atividade apostólica incansável (20,20); não diretamente com o exercício da autoridade, como em 15,28, embora isso não seja negado¹⁹. Também na narração de Ananias e Safira, o evangelista realça que os responsáveis pela Igreja são assistidos pelo Espírito. Com efeito, a mentira ao Espírito Santo, por causa da qual o casal é punido por Deus, deve provavelmente ser interpretada como mentira aos guias da comunidade (5,3.9).

No relato de At 15, o Espírito é apresentado com duas funções distintas e complementares. É força livre e transcendente que intervém nos acontecimentos da Igreja, orientando-a com autoridade e indicando-lhe os caminhos que deve percorrer; ao mesmo tempo, atua por meio das autoridades da comunidade, cuja tarefa acarreta uma constante obediência às orientações do Espírito. As duas perspectivas integram-se e nenhuma pode ser absolutizada. O Espírito atua, pois, com absoluta liberdade e não pode ser obstaculizado por nenhuma instituição humana; não é, porém, uma força desencarnada e abstrata, porque age por meio da Igreja. O evangelista afirma, assim, que a dimensão pneumática da comunidade não está em contraste com sua dimensão institucional, manifestando-se por meio dela, desde que a Igreja respeite as moções do Espírito. Desta forma, Lucas desenvolve um papel crítico, seja a respeito das autoridades que se recusam a depender do Espírito, sem levar a sério os sinais que ele proporciona, seja a respeito dos que, pensando ser movidos pelo Espírito, tomam decisões em oposição aos guias, criando divisões. Estimula, portanto, os cristãos a serem ativos na comunidade, obedientes ao dinamismo do Espírito, procurando a harmonia e a paz, conforme o modelo da comunidade reunida em Jerusalém sob a liderança de Pedro e de Tiago.

¹⁸ J. DUPONT, “I ministeri della chiesa nascente”, in *NUOVI STUDI sugli Atti degli Apostoli*, Cinisello Balsamo: Paoline, 1985, pp. 123-170 (135); J. ROLOFF, *op. cit.*, p. 69.

¹⁹ J. DUPONT, *Il testamento pastorale di San Paolo*. Il discorso di Mileto (Atti 20, 18-36), Roma: Paoline, 1980.

3. Os critérios da ação do Espírito

Em Atos, Lucas não somente destaca a dimensão pneumática da vida eclesial; faz referência também a critérios particulares que ajudam a discernir a ação do Espírito.

O primeiro sinal de que o Espírito está agindo na Igreja é o esforço dos seus membros por realizar a unidade. De fato, no primeiro Pentecostes, a função do Espírito é a de realizar a reunião do Israel dispersado, profetizada pelo Antigo Testamento. Sob seu influxo, começam a se unir pessoas que pertencem a culturas e línguas diferentes. Embora a comunidade seja de três mil pessoas (2,41), todos mostram-se assíduos ao ensino dos apóstolos, à comunhão fraterna, à fração do pão e às orações, vivendo em fraternidade, como destaca o primeiro sumário, deixando entender que essas atitudes são consequência da efusão do Espírito (2,42-47).

Lucas realça a importância da unidade também no relato do Concílio, notando que a decisão de não impor a circuncisão aos pagãos é tomada “de pleno acordo” (*homothymadón*, 15,25) pelos apóstolos, os anciãos e a Igreja toda. Fruto de uma comunidade unida, é destinada a receber a aprovação da Igreja de Antioquia. Na grande assembleia de Jerusalém, o Espírito estreita, pois, os laços de união e de compreensão entre os participantes²⁰. Mandando abrir as portas aos incircuncisos, dirige a Igreja para uma forma de unidade diferente daquela até então conhecida, permitindo aos pagãos partilhar a mesma fé dos judeus convertidos, tornando-se partícipes da “herança entre os santificados” (26,18c), no respeito do pluralismo étnico e cultural.

Outro sinal do dom do Espírito é a capacidade de aceitar as orientações concretas e as normas externas para o bem da comunidade, indicadas pelos guias, superando um falso entendimento de liberdade individual. Isso ocorre em Jerusalém, quando Tiago propõe a observância de determinadas cláusulas, de ordem tanto moral quanto ritual, que devem ser observadas por parte dos étnico-cristãos, para facilitar sua convivência com os judeo-cristãos. Embora historicamente as cláusulas tenham sido decididas em outra reunião, Lucas as interpreta como deliberações do Concílio e, portanto, inspiradas pelo Espírito, ao qual se deve obedecer²¹. O texto destaca que,

²⁰ A expressão “de pleno acordo” encontra-se várias vezes em Atos para descrever a comunidade reunida e animada pelo Espírito (1,14; 2,46; 4,24; 5,12). Além de Atos, a frase se acha somente em Rm 15,6.

²¹ Muitos exegetas reconhecem que o texto de At 15 corresponde ao de Gl 2,1-11; é estranho, porém, o fato de que Paulo não mencione as cláusulas, às quais Lucas dá bastante destaque (15,20.29; 16,4; 21,25). Se as cláusulas tivessem sido promulgadas durante a grande assembleia, seria absurdo que, logo depois, em Antioquia Pedro as desrespeite, comendo com os pagãos convertidos (Gl 2,15). Paulo teria reprovado erroneamente o Apóstolo por não comer com os incircuncisos, ao chegarem na cidade os

por parte da comunidade de Antioquia, a resolução não é considerada uma limitação de direitos dos étnico-cristãos, mas como uma orientação esclarecedora e oportuna, oferecida pelo Espírito no momento histórico delicado, que serve para fortalecer a amizade e a comunhão entre os cristãos.

No Novo Testamento, a efusão do Espírito é reconhecida também pela glossolalia que a acompanha e que consiste numa forma extática de entrar em contato com Deus com sons inarticulados, com gemidos inefáveis que expressam o entusiasmo e o fervor interior que não pode ser contido (1Cor 14,1-25). Lucas é bastante sóbrio a respeito dessa manifestação carismática. Faz menção à glossolalia no episódio de Cornélio, frisando que, após a efusão do Espírito, Pedro e os judeo-cristãos de Jope ouviram os incircuncisos “falar em línguas e engrandecer a Deus” (10,46). Também em 19,6, por ocasião da aceitação na Igreja dos discípulos de João Batista, nota que logo que desceu sobre eles o Espírito Santo, “puseram-se a falar em línguas e a profetizar”. Nos dois casos, o falar em línguas é relacionado com outro dom: “engrandecer (*megalynein*) a Deus” e “profetizar” (*propheteuein*). É provável que, com essas especificações, Lucas se refira aos cânticos inspirados proferidos pelos recém-convertidos sob influxo do Espírito, semelhantes aos que se encontram no evangelho da infância como o “Magnificat” e o “Benedictus”. De fato, no seu hino de louvor, Maria “engrandece” o Senhor (*megalynei*, Lc 1,46) e Zacarias, repleto de Espírito Santo, “profetiza” (*empropheteusen*, v. 67), bendizendo a Deus (*eulogon*, v. 64)²². Dessa forma, Lucas realça que o dom do Espírito se manifesta em duas formas diferentes: por meio da glossolalia que é falar diretamente com Deus e por meio de cantos de tipo profético, com os quais os fiéis fortalecem a comunidade²³.

Em 19,6, o verbo “profetizar” tem, porém, um sentido mais amplo; aponta provavelmente para o anúncio da Palavra, que, ao longo dos Atos, é feito pelos apóstolos e por outros membros da comunidade cristã (21,9). De fato, profetizar é o ato de quem entende a Palavra de Deus e a comunica aos outros e, na obra lucana, os profetas são os pregadores itinerantes que anunciam o evangelho (13,1; 11,27; 15,32). No relato da conversão dos discípulos do Batista, o termo “profetizar” indica, assim, tanto os cânticos inspirados como o anúncio da Palavra, para o qual os novos membros da Igreja são impulsionados.

representantes mais conservadores da comunidade de Jerusalém. Por isso, os autores hipotetizam que, no Concílio, decidiu-se somente não impor a circuncisão aos étnico-cristãos. Num sínodo posterior, solicitado por Tiago, à luz dos problemas ocorridos nas comunidades mistas, reparou-se a necessidade das cláusulas. Lucas sintetiza os acontecimentos, relacionando entre si a decisão do Concílio e a do sínodo.

²² Cf. também Lc 2,36-38; 10,21.

²³ Cf. J. DUPONT, “La prima Pentecoste cristiana”, in *STUDI sugli Atti degli Apostoli*, Roma: Paoline, 1975, pp. 823-860 (838-850).

Esse pormenor indica que a pregação da Palavra é outro critério importante para discernir a ação do Espírito. Lucas refere-se à essa tarefa da Igreja no relato do primeiro Pentecostes, no qual destaca-se que os Doze e os que estavam com eles, animados pela força do Espírito, “começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito lhes dava se exprimissem” (2,4)²⁴. O adjetivo “outras” (*hetérais*) alude ao fenômeno de xenolalia, isto é, ao falar línguas estrangeiras perante a multidão dos judeus da diáspora congregados em Jerusalém (vv. 6.8.11). A interpretação é correta, embora em 2,13 o autor interprete o fenômeno como glossolalia, à luz da reação dos presentes, que pensam que os discípulos estejam embriagados e falem de forma incoerente. O Espírito habilita, portanto, os apóstolos, que são galileus, a falarem nas línguas dos povos que se encontram em Jerusalém por ocasião da festa. Trata-se de um anúncio inteligível, solene e inspirado, indicado em 2,11 com a expressão “apregoar as grandes obras de Deus” (*tà megaleia toû Theoû*), que se refere à ação salvífica de Deus na história (cf. Lc 1,49a.58)²⁵. A frase é ainda genérica; aponta, porém, para a proclamação pública da fé em Jesus Cristo, na mesma linha do anúncio querigmático de Pedro que logo se segue. A função do Espírito é, pois, a de estimular o testemunho e a pregação²⁶. Prova disso é o uso do verbo “falar” (*laleîn*), que se encontra tanto no episódio de Pentecostes a respeito das línguas (2,4.6.11), quanto na proclamação do evangelho feita pela Igreja primitiva ao longo do relato (4,17.29; 5,20.40; 6,10; 8,25; 11,19.20). Também o verbo “exprimir-se” (*apophtheggéstai*), usado em relação às línguas (2,4), introduz o anúncio querigmático de Pedro (2,14).

O evangelista insiste no fato de que a pregação da Palavra é fruto do Espírito. Para explicar o que aconteceu no dia de Pentecostes, Pedro lembra o texto de Jl 3,1-5. Destaca que se cumpriu o oráculo vétero-testamentário que anuncia “os vossos filhos e as vossas filhas profetizarão” (2,17a); logo em seguida, acrescenta a expressão “derramarei o meu Espírito e profetizarão”, que só parcialmente se encontra no texto de Joel, porque Lucas acrescenta a frase “e profetizarão”, repetindo em dois versículos consecutivos o verbo “profetizar”. Desta forma, destaca que o cumprimento do anúncio vétero-testamentário realiza-se com o dom da profecia, que se identifica com o anúncio do evangelho.

O nexa entre efusão do Espírito e habilitação à proclamação da Palavra se encontra também em 4,31, em que se descreve a efusão do Espírito sobre a comunidade perseguida, utilizando uma frase quase idêntica à de 2,4: “todos ficaram repletos de Espírito Santo”. Em lugar, porém, de dizer

²⁴ O verbo “dava” (*edidou*), no tempo imperfeito, indica que se trata de um acontecimento que continua no tempo.

²⁵ A expressão encontra-se no Antigo Testamento: Dt 11,2; Sl 70,19; Sir 36,7; 42,21.

²⁶ A BARBI, “La missione negli Atti degli Apostoli”, *Ricerche Storico Bibliche* 2 (1990) 127-154 (141-142). J. ROLOFF, *op. cit.*, pp. 72-74.

“começaram a falar em outras línguas”, Lucas escreve “continuavam a falar a Palavra de Deus com intrepidez”, aludindo ao esforço de comunicação do anúncio evangélico.

À luz desses textos, a glossolalia e os cânticos inspirados são sinais da atuação do Espírito na comunidade; muito mais, porém, desempenha esse papel a proclamação da Palavra, na qual Lucas focaliza sua atenção²⁷.

Também as qualidades interiores que caracterizam os membros da Igreja primitiva ajudam a discernir a presença do Espírito. A alegria espiritual nas perseguições (*chará*, 5,41; 13,52), a sabedoria (*sophía*, 6,3), a compreensão íntima de Jesus e da sua glória escatológica (7,55) são manifestações da ação do Espírito Santo no coração dos fiéis, assim como a consolação interior (*paráklesis*, 9,31) que leva ao testemunho e é a consequência da assimilação da Palavra²⁸. De forma especial, revela a presença do Espírito nas testemunhas cristãs a coragem (*parresía*) com a qual enfrentam as dificuldades (2,29; 4,13.29.31; 28,31). Fortificadas pelo Espírito, sentem-se obrigadas a “dizer tudo”, sem medo das consequências da sua ousadia, oferecendo aos que não acreditam uma prova da verdade da sua fé²⁹. Vale a pena notar que, em Atos, esses dons pessoais, fruto do Espírito que consolida interiormente a Igreja, são sempre orientados à construção da comunidade e nunca considerados como favores particulares.

4. O dom do Espírito e a missão pós-pascal de Jesus

O Espírito que atua no Concílio de Jerusalém não se identifica com a força divina e impessoal que opera no Antigo Testamento. Está em estreita relação com Jesus, que no evento da sua exaltação (2,36), é constituído Senhor e Messias. Recebido pelo Ressuscitado elevado à direita do Pai, o Espírito é derramado sobre os apóstolos e todo povo santo de Deus (2,33), dando início aos tempos escatológicos³⁰. Com sua vinda, começa a se rea-

²⁷ Em Atos, não há uma situação de confusão a respeito dos dons carismáticos como em 1Cor 14,1-40. Paulo exorta a valorizar o carisma da profecia mais do que o dom de falar em línguas, que pode levar para o individualismo e não favorecer a comunhão. No Antigo Testamento, os fenômenos extáticos sempre foram considerados com suspeita (1Sm 10,5; 19,20). Dando pouco realce ao dom das línguas, talvez Lucas queira defender a comunidade do perigo da exterioridade ou de certo protagonismo auto-referencial. Cf. A. GEORGE, *op. cit.*, pp. 534-541.

²⁸ A. GEORGE, “L’Esprit Saint dans l’oeuvre de Luc”, *RB* 85 (1978) 500-542 (508). Em Atos, o verbo “consolar” (*parakaleîn*) está relacionado com a exortação e o ensino (4,36; 11,14; 13,15; 15,31; cf. Lc 2,25).

²⁹ O substantivo grego *parrêsia* é formado por *pan-* (tudo) e pela raiz *rê* (falar). Cf. H. SCHLIER, “*parrêsia*”, in *GLNT IX*, pp. 877-932 (879.916-919).

³⁰ J. DUPONT, “Ascensione di Cristo e dono dello Spirito secondo Atti 2,33”, in *NUOVI STUDI sugli Atti degli Apostoli*, *op. cit.*, pp. 185-194.

lizar o Reino de Deus e a Promessa da salvação que encontrará sua plenitude “no dia do Senhor, o grande dia” (v. 20)³¹.

Também no relato que apresenta os missionários que, impulsionados pelo Espírito, fazem um caminho em ziguezague, procurando a vontade de Deus, antes de passar na Macedônia, o evangelista destaca a relação entre o Espírito e Jesus. As duas expressões contíguas “o Espírito Santo” (v. 6) e “o Espírito de Jesus” (16,7), indicam que o Espírito recebe sua caracterização por Jesus, tornando-se seu representante no mundo³². Jesus age na história por meio do Espírito, cuja função específica, em Lucas, não é a de santificar, mas de impulsionar para a missão da Igreja³³.

Essa perspectiva concorda com a afirmação lucana de que Jesus continua sua missão na história, também após sua ressurreição. O evangelista realça essa perspectiva por meio da temática do “nome” de Jesus que opera curas e sustenta o testemunho da Igreja (2,38; 3,6.16; 4,10.17; 19,5). Dois textos frisam, porém, de forma explícita, a missão pós-pascal de Jesus³⁴. No sermão, depois da cura do aleijado da Porta Formosa, Pedro declara: “Para vós em primeiro lugar Deus, tendo ressuscitado seu servo, o enviou (*apésteilen*) para vos abençoar para que cada um de vós se converta das suas iniquidades” (3,26). O envio de Jesus por parte do Pai ocorre após a ressurreição. Também na conclusão do sermão perante o rei Agripa, Paulo, afirma que nada anunciou “senão o que Moisés e os profetas disseram que havia de acontecer: que o Cristo devia sofrer e que, sendo o primeiro dentre os mortos, anunciaria (*kataggélein*) a luz ao povo e aos pagãos” (26,23), destacando a missão pós-pascal de Jesus.

Lucas frisa, então, que, após a ascensão, Jesus continua ativo no mundo por meio do seu Espírito. Isso se realiza na Igreja, como indicam os verbos “enviar” e “anunciar”, usados para caracterizar tanto a missão de Jesus após sua glorificação, como a missão da comunidade primitiva³⁵. Jesus é,

³¹ Cf. A. GEORGE, *op. cit.*, pp. 528-530. G. HAYA-PRATS, *op. cit.*, p. 174, nota que a efusão do Espírito sobre Jesus feita no Jordão e em outras ocasiões da sua vida (Lc 3,21; 4,1.14; 10,21) é somente uma preparação para o momento solene de Pentecostes.

³² O pormenor aponta para uma concepção pessoal do Espírito que será elaborada pela Igreja dos primeiros séculos. Cf. R. PENNA, “Lo Spirito di Gesù in Atti 16,7. Analisi letteraria e teologica”, *RivBib* 20 (1972) 241-261.

³³ H. von BAER, *Der heilige Geist in den Lukasschriften*, Stuttgart: W. Kohlhammer, 1926, p. 2. Lucas evita relacionar o dom do Espírito com o batismo. Destaca que o batismo é administrado em nome de Jesus, e que a função do Espírito é a de estabelecer a comunhão entre as comunidades e impulsionar a evangelização (cf. 8,15-17; 19,6).

³⁴ A. BARBI, *op. cit.*, pp. 137-138; IDEM, *Il Cristo celeste presente nella Chiesa*. Tradizione e Redazione in Atti 3, 19-21, Roma: Pontificio Istituto Biblico, 1979, pp. 167-173. Em Atos, Lucas lembra a missão histórica de Jesus, mencionando o que Jesus “fez e ensinou” (1,1) e sua pregação na Galiléia, curando a todos (10,37-38).

³⁵ Em relação aos missionários da Igreja, o verbo “enviar” (*apostéllein*) é usado em 8,14; 15,27.33; 19,22; 22,21; 26,17; o verbo “anunciar” (*kataggélein*) se encontra em 13,5.38; 15,38; 16,7.21; 17,3.13.23.

portanto, o protagonista da história salvífica dos Atos. Desta forma, Lucas oferece uma interpretação pneumática e cristológica da missão da Igreja; ela não é somente a consequência da vitória de Jesus sobre a morte, mas é realizada pelo próprio Jesus ressuscitado³⁶. No Concílio é, portanto, Jesus glorioso que, por meio do seu Espírito, leva os membros da Igreja a tomarem uma decisão básica em ordem à evangelização.

5. À guisa de conclusão

No Concílio de Jerusalém, o Espírito tem um papel de destaque. Determina uma compreensão mais aprofundada da identidade cristã e permite realizar uma nova comunidade na qual podem conviver, no respeito recíproco, judeus e pagãos convertidos. Atua de forma livre e autônoma, animando a Igreja a tomar uma decisão importante na situação de desnorteamento na qual se encontra. Ao Espírito é preciso obedecer, renunciando às visões humanas limitadas, superando os conflitos e construindo a paz; com efeito, sua ação é soberana. Por meio dele é o próprio Jesus ressuscitado que age. Lucas não destaca somente a ação do Espírito na Igreja: para discernir sua atividade, oferece critérios concretos que mantêm sua validade na comunidade cristã de todos os tempos. Ele está convencido de que, só deixando-se dirigir pelo Espírito que renova todas as coisas, a Igreja pode continuar anunciando com eficácia ao mundo a salvação.

Alberto Casalegno SJ é licenciado em Ciências Bíblicas pelo Pontifício Instituto Bíblico (Roma) e doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana. É professor de Sagrada Escritura na Pontifícia Faculdade Teológica da Itália Meridional (Nápoles) e no Instituto de Formação Presbiteral (Belém do Pará). Publicou *Gesù e il Tempio*: studio redazionale di Luca/Atti, Brescia: Morcelliana, 1984; *Paulo, evangelho do amor fiel de Deus*, São Paulo: Loyola, 2001; (como editor) *Tempo ed eternità*: in dialogo con Ugo Vanni S.I., Milano: San Paolo, 2002; *Lucas*: a caminho com Jesus missionário, São Paulo: Loyola, 2004.

Endereço: Via Petrarca, 115
80122 Nápoles – Itália
e-mail: casalegno.a@gesuiti.it

³⁶ Cf. M.A. CHEVALLIER. “Luc et l’Esprit Saint. A la mémoire de P. Augustin George (1915-1977)”, *RSR* 56 (1982) 1-16. G.W.H. LAMPE. “The Holy Spirit in the Writings of St. Luke”, in *STUDIES in the Gospel*. Essays in Memory of R.H. Lightfoot, Oxford: D.E. Nineham, 1957, p. 194.